

ADAPTAÇÃO DE OBRAS CLÁSSICAS NACIONAIS E ESTRANGEIRAS COMO PROPOSTA DE INCENTIVO À LEITURA PARA O PÚBLICO INFANTO-JUVENIL

Norma Andrade da Silva¹

O objetivo deste trabalho é abordar como a adaptação/tradução de obras literárias, que são consideradas clássicas, de autores brasileiros e estrangeiros pode promover a leitura e a consequente formação de jovens leitores. Para tanto, são feitos dois questionamentos: (i) As adaptações/traduições, que em sua maior parte são dirigidas ao público infanto-juvenil, são válidas?; (ii) Elas enriquecem ou empobrecem os textos (tanto em língua portuguesa, quanto em língua estrangeira) dos autores das obras originais? Dentro dos Estudos da Tradução, as tentativas de se estabelecerem conceitos de tradução e de adaptação são consideradas temas muito polêmicos e recorrentes, pois, para alguns, a adaptação empobrece a obra original; já, para outros, ela possibilita que leitores monolíngues tenham contato com autores canônicos da literatura universal de uma forma acessível.

Para responder a essas perguntas, serão apresentados excertos de duas obras de dois consagrados autores estrangeiros que foram traduzidos/adaptados por Clarice Lispector para o português do Brasil: Oscar Wilde (*O retrato de Dorian Gray/The Picture of Dorian Gray*) e Jack London (*Chamado Selvagem/ The Call of the Wild*).

1 Os clássicos e o jovem leitor

Italo Calvino e Ana Maria Machado são dois autores que discutiram sobre a leitura dos autores considerados clássicos.

Calvino (2007), em *Por que ler os clássicos*, lista autores e obras que no seu entender são considerados clássicos e apresenta também algumas propostas para definir o termo.

Ana Maria Machado, em sua obra *Como ler os clássicos universais desde cedo*, sustenta que “Clássico não é livro antigo e fora de moda. É livro eterno que não sai de moda” (2002:15). Com essa afirmação, a autora incentiva a leitura de autores canônicos da literatura mundial por parte dos jovens leitores. Cita seu exemplo, como leitora

¹ Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)

iniciante, quando leu *D. Quixote das Crianças*, uma adaptação feita por Monteiro Lobato. Este foi responsável por inúmeras traduções de autores clássicos dirigidas ao público infanto-juvenil. Machado também apresenta alguns escritores famosos que tiveram sua iniciação como leitores na infância de clássicos adaptados, como é o caso de Jorge Luís Borges, Ernest Hemingway, Carlos Drummond de Andrade e Clarice Lispector.

2 Clarice Lispector e a literatura infanto-juvenil

Lispector é reconhecida como um dos grandes nomes da literatura brasileira. Seu primeiro romance, *Perto do coração selvagem*, publicado em 1944, recebeu o Prêmio Graça Aranha de Melhor Romance, nesse mesmo ano. Foi comparada a grandes escritores considerados clássicos da literatura mundial, como James Joyce e Virginia Woolf.

Além de sua obra dedicada ao público leitor não infantil, também dedicou parte de sua escritura ao público infanto-juvenil. Como afirma Ribeiro (1993, p. 10), “[...], de sua obra publicada para o público infanto-juvenil, nada se comenta, e muito pouco foi publicado, ainda”. Atualmente, pouco se conhece de trabalhos que analisem as obras infanto-juvenis de Clarice. Lajolo e Zilberman (1999) dedicam apenas dois parágrafos resumidos (p.124 e 128) ao trabalho da autora. E Coelho, em um parágrafo, aponta que

Curiosamente, nos anos 60, foram poucos os novos escritores que surgiram, e todos vindos da experiência com literatura ‘adulta’: Antonieta Dias de Moraes [...], Clarice Lispector, Guilherme Figueiredo, Herberto Sales, José Mauro de Vasconcelos, Maria Dinorah, Stela Carr... Em todos eles, o Real e o Imaginário se fundem de maneira essencial. Nesse período multiplicam-se as traduções e adaptações juvenis de livros consagrados na literatura mundial. (COELHO, 1991: 257-8.)

Como se depreende com as afirmações dos autores citados, a obra literária de Clarice Lispector destinada à parcela de leitores infantis ou à de leitores adolescentes tem sido pouco abordada pelos críticos, e a Clarice-autora de livros infanto-juvenis é pouco mencionada nos compêndios dedicados ao estudo desse gênero de literatura.

Nas décadas de 1960 e de 1970, Lispector escreveu cinco livros infantis, sendo eles: *O mistério do coelho pensante* (um “pedido-orderm” de seu filho mais novo), *A mulher que matou os peixes*, *A vida íntima de Laura*, *Quase de verdade* e *Como*

nasceram as estrelas (narrativa de 12 lendas, cujos personagens fazem parte do folclore brasileiro, correspondendo elas aos doze meses do ano). Os cinco livros foram editados recentemente pela Rocco, numa série dedicada a Jovens Leitores. As ilustrações são grandes, bem interessantes, coloridas, levando o pequeno leitor a refletir sobre o significado de cada uma delas. Não constam os números das páginas (com exceção de *Como Nasceram as Estrelas*).

Segundo Lajolo e Zilberman (1999, p. 123), na década de 1960, “Multiplicaram-se instituições e programas voltados para o fomento da leitura e a discussão da literatura infantil”. Criaram-se vários organismos e centros de estudos que congregavam professores de língua e literatura brasileira, escritores e demais interessados em definir os rumos da literatura infantil. É por essa época que

Muitos autores, inclusive os consagrados, não desprezaram a oportunidade de inserir-se nesse promissor mercado de livros, o que trouxe para as letras infantis o prestígio de figuras como Mário Quintana, Cecília Meireles, Vinícius de Moraes e Clarice Lispector (LAJOLO e ZILBERMAN, 1999: 124).

Percebe-se, então, que Clarice percorre também esse caminho rumo ao leitor não adulto.

Também, nessa mesma época, Clarice traduziu/adaptou obras como *As viagens de Gulliver* (Jonathan Swift), *Tom Jones* (Henry Fielding), *Histórias extraordinárias* (Edgar Allan Poe), *A ilha misteriosa* (Jules Verne), *O retrato de Dorian Gray* (Oscar Wilde) e *Chamado selvagem* (Jack London), que são destinadas aos leitores jovens.

3 A tradutora/adaptadora Clarice Lispector

Lispector teve muitos de seus livros traduzidos para o inglês, francês, espanhol, alemão e italiano. Mas ainda há um aspecto que também deve ser explorado, além daquele já relacionado à sua produção literária destinada ao público infanto-juvenil, que é seu trabalho como tradutora e adaptadora.

Em 1940, trabalhou na Agência Nacional, um órgão do governo federal, como tradutora. Em 1943, casou com um diplomata, indo morar em várias cidades da Europa e também nos Estados Unidos, desenvolvendo a leitura em outras línguas, notadamente o francês e o inglês. Em 1959, já separada do marido, ela volta ao Rio de Janeiro. Por força de sua crítica situação financeira e com dois filhos pequenos para cuidar, Clarice,

além de se dedicar à literatura para o público adulto, também escreveu artigos para revistas e jornais.

Para complementar sua renda, Lispector traduz obras de vários autores conceituados, como Swift, Wilde, Fielding, Borges, London, Christie, Verne e tantos outros. Gomes (2004, p. 39) afirma que “A década de 1970 parece ter sido aquela em que Clarice mais se dedicou à tradução, uma vez que neste período foi publicada a maioria dos textos traduzidos”. Na tradução de algumas peças teatrais, como *The little foxes / Os corruptos* (de Lillian Hellman), *Hedda Gabler / Hedda Gabler* (de Ibsen) e *A gaivota* (de Anton Tchecov), Lispector teve como parceira Tati Moraes. Ambas ganharam o prêmio de melhor tradução, em 1967, para *Hedda Gabler*.

Na crônica *Traduzir procurando não trair*, que escreveu para a *Revista Jóia* (n. 177, maio de 1968), é possível avaliar como Lispector refletia sobre o seu papel de tradutora e o ato de traduzir: se deveria haver uma fidelidade ao texto original ou se deveria *trair* o autor da língua de partida. Muitas vezes, ao mesmo tempo em que esse ofício era prazeroso para Clarice, ela igualmente se mostrava preocupada e minuciosa com o ato de traduzir.

Clarice não faz menção, nessa crônica, às traduções dos contos, romances e demais textos que traduziu. Nem alude ao fato de que muitos deles, principalmente os destinados a um público infanto-juvenil como *Tom Jones*, *Viagens de Gulliver*, *Chamado Selvagem*, *O retrato de Dorian Gray* e *Histórias extraordinárias*, são uma adaptação, como consta na capa de tais obras.

Paulo Rónai, em *A Tradução Vivida* (1981: 89-109), aborda a adaptação como um problema para a tradução. O autor se refere à adaptação como texto dirigido ao público infanto-juvenil, ou, em muitos casos, dirigido a um público com pouco vocabulário e “cultura escassa”, considerando que, em alguns casos, o texto original sofre uma mutilação, havendo supressão de frase, páginas e até de capítulos, com isso alterando o “sentido profundo da obra”. Ele ainda acrescenta “que [...] as obras adaptadas deixam de pertencer ao autor e passam a fazer parte da bagagem do adaptador, muitas vezes escritor de mérito e que assim procura complementar seus poucos proventos” (RÓNAI, 1981: 98). Com isso, infere-se que Rónai não admite a adaptação como forma de tradução.

Em contraposição a Rónai, Cony defende a adaptação como forma de que textos canônicos da literatura estrangeira sejam conhecidos tanto pelo público infanto-juvenil quanto por adultos. O autor, que possui uma vasta bagagem literária de vários

romances, crônicas, ensaios, textos jornalísticos em língua portuguesa, também fez adaptações de autores clássicos estrangeiros e de autores clássicos portugueses e brasileiros como Eça de Queirós, Raul Pompéia e Manuel Antônio de Almeida para as editoras Ediouro e Scipione.

Já Bastin (2001:5-8) define adaptação como “a set of translative operations which result in a text that is not accepted as a translation but is nevertheless recognized as representing a source text of about the same length” (grifo meu).

Gambier (1992:421), em seu artigo *Adaptation: une ambiguïté à interroguer*, afirma que a adaptação implica “certa liberdade” por parte do tradutor. A este será permitido fazer modificações, acréscimos, omissões, para um melhor entendimento do público da cultura-alvo.

E Amorim (2005:119) afirma que, como há uma grande polêmica em torno da adaptação, ela “pode ser associada tanto à noção de ‘enriquecimento’ quanto à de ‘empobrecimento’”. Mais adiante, o autor prossegue no seu pensamento sobre a adaptação aduzindo que esta seria “um processo de transformação que [...] possibilitaria veicular imagens e estilos que poderiam ser considerados ‘fiéis’ ao texto de referência” (AMORIM, 2005:120).

No Brasil, nas décadas de 1950, 1960 e 1970, muitas obras da literatura estrangeira foram adaptadas ao gosto e à cultura nacional, buscando, assim, torná-las mais acessíveis e interessantes ao público infanto-juvenil, ou, como apresenta Cony, a um público não muito afeito à leitura.

Na próxima seção, apresento excertos de duas obras, uma de Oscar Wilde (*O retrato de Dorian Gray/The Picture of Dorian Gray*), e a outra de Jack London (*Chamado Selvagem/ The Call of the Wild*) que foram traduzidos/adaptados por Clarice Lispector para o português do Brasil.

4 Clarice traduzindo Wilde e London

O Retrato de Dorian Gray, único romance do escritor irlandês Oscar Wilde, foi publicado na Inglaterra em 1891. Foi escrito originalmente para o leitor adulto, sendo considerado um clássico da literatura contemporânea. Retrata a sociedade vitoriana da época. Foi adaptado, no Brasil, para o leitor jovem. Na edição brasileira, publicado pela Ediouro, há uma introdução feita pela tradutora/adaptadora Clarice Lispector, na qual apresenta o autor e sua obra.

Apresento a seguir um excerto retirado da obra de Wilde.

The Picture of Dorian Gray Oscar – Oscar Wilde

O retrato de Dorian Gray – Tradução e adaptação de Clarice Lispector

Chapter 1

From the corner of the divan of Persian saddlebags on which he was lying, smoking, as was his custom, innumerable cigarettes, Lord Henry Wotton could just catch the gleam of the honey-sweet and honey-coloured blossoms of a laburnum, whose tremulous branches seemed hardly able to bear the burden of a beauty so flame-like as theirs; and now and then the fantastic shadows of birds in flight flitted across the long tussore-silk curtains that were stretched in front of the huge window, producing a kind of momentary Japanese effect, and making him think of those pallid jade-faced painters of Tokio who, through the medium of an art that is necessarily immobile, seek to convey the sense of swiftness and motion. The sullen murmur of the bees shouldering their way through the long unmown grass, or circling with monotonous insistence round the dusty gilt horns of the straggling woodbine, seemed to make the stillness more oppressive. The dim roar of London was like the bourdon note of a distant organ.

1 Lorde Henry Wotton e seu amigo, o pintor

Recostado no canto do divã, lorde Henry Wotton fumava e se deliciava com tudo isso.

Chamado Selvagem (1903), considerado uma obra-prima do escritor norte-americano Jack London, relata a história de Buck, um cão que vivia confortavelmente em uma fazenda na Califórnia e que é raptado, vendido a exploradores de ouro e levado para trabalhar no Alasca. Buck adapta-se ao ambiente hostil, descobrindo aí suas origens como um animal primitivo.

The Call of the Wild – Jack London

Chamado selvagem – Tradução e adaptação Clarice Lispector

1 Into the Primitive

"Old longings nomadic leap,

Chafing at custom's chain;

Again from its brumal sleep

Wakens the ferine strain."

Buck lived at a big house in the sun-kissed Santa Clara Valley. Judge Miller's place, it was called. It stood back from the road, half hidden among the trees, through which glimpses could be caught of the wide, cool veranda that ran around its four sides. The house was approached by graveled driveways which wound about through wide-spreading lawns and under the interlacing boughs of tall poplars. At the rear things were on even a more spacious scale than at the front. There were great stables, where a dozen grooms and boys held forth, rows of vine-clad servants' cottages, an endless and orderly array of outhouses, long grape arbors, green pastures, orchards, and berry patches. Then there was the pumping plant for the artesian well, and the big cement tank where Judge Miller's boys took their morning plunge and kept cool in the hot afternoon.

1 A volta ao primitivo

Buck vivia no sítio do juiz Miller, no vale de Santa Clara, iluminado de sol. A casa, afastada da estrada, escondia-se atrás das árvores, que não chegavam a ocultar de todo a larga e fresca varanda que a cercava. Alamedas empedradas, que serpenteavam através das campinas, a ela conduziam, sob os galhos entrelaçados de altos choupos. Nos fundos da vivenda erguiam-se grandes estábulos para lá dos quais se vislumbravam, além de filas de cabanas cobertas de vinhas onde moravam os empregados, caramanchões compridos cheios de uvas, pastagens verdes, pomares, canteiros de morangos, um poço artesiano e um grande tanque de cimento, onde os meninos do juiz Miller mergulhavam todas as manhãs e iam refrescar-se nas horas mais quentes das tardes.

Considerações finais

Na amostra desses dois exemplos, percebe-se que Clarice procura adaptar o texto traduzido à língua de chegada. Ela se mostra uma tradutora preocupada em se manter fiel ao autor do texto original, como ela afirma na crônica *Traduzir procurando não trair*: A tradutora procurou manter uma coerência com o texto original, embora, no texto de Wilde, tenha suprimido muitas passagens que talvez fossem motivo de abandono da leitura por parte do jovem leitor. Venuti (2002, p. 61) afirma que “a língua é um contínuo de dialetos, registros, estilos e discursos, dispostos numa hierarquia, e desenvolvendo-se em diferentes velocidades e de diferentes maneiras”. Clarice preocupou-se em manter o registro da língua menor, no caso, o português.

Assim, infere-se que os textos não sofreram empobrecimento, pois a tradutora conservou o sentido dos textos originais. E o que é mais importante: os educadores e pais devem estimular os jovens leitores a buscarem o prazer da leitura, que não deve ser mais vista como uma cobrança pura e simples.

Referências

AMORIM, Lauro Maia. *Tradução e adaptação: encruzilhadas da textualidade em Alice no País das Maravilhas, de Lewis Carrol, e Kim, de Rudyard Kipling*. São Paulo: Editora UNESP, 2005. 239 p.

CALVINO, Italo. *Por que ler os clássicos*. Tradução Nilson Moulin. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

CONY, Carlos Heitor. *As adaptações dos clássicos e a voz do Senhor*. Disponível em <<http://www.scipione.com.br/educa/artigos/artigo14/art14.htm>> Acesso em 4 de dezembro de 2008.

BASTIN, Georges L. Adaptation. Tradução do espanhol de Mark Gregson. In: BAKER, Mona (edit.) *Routledge Encyclopedia of Translation Studies*. New York: Routledge, 2001. p. 5-8.

COELHO, Nelly Novaes. *Panorama histórico da literatura infantil/juvenil: das origens indo-europeias ao Brasil contemporâneo*. 4. ed. São Paulo: Ática, 1991. 285 p.

GAMBIER, Y. Adaptation: une ambiguïté à interroger. *Meta*, Montreal, v. 37, n. 3, p. 421-25, sept., 1992.

GOMES, André Luís. *Clarice em cena: as relações entre Clarice Lispector e o teatro*. Brasília: Editora Universidade de Brasília: Finatec, 2007. 306 p.

_____. *Entre espelhos e interferências: a problemática da tradução para Clarice Lispector*. Disponível em <http://www.fflch.usp.br/dlcv/posgraduacao/eclpdf/viao7/via07_04pdf> Acesso em 5 de setembro de 2008.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. *Literatura infantil brasileira: história&histórias*. 6. ed. São Paulo: Ática, 1999. 188 p.

LISPECTOR, Clarice. *O mistério do coelho pensante*. Ilustrações de Mariana Massarani. 1. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

_____. *A mulher que matou os peixes*. Ilustrações de Flor Opazo. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

_____. *A vida íntima de Laura*. Ilustrações de Flor Opazo. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

_____. *Quase de verdade*. Ilustrações de Mariana Massarani. 1. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

_____. *Como nasceram as estrelas*. Ilustrações de Fernando Lopes. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

LONDON, J. *The Call of the Wild and Selected Stories*. New York: The New American Library, 1960.

_____. *Chamado selvagem*. Tradução e adaptação Clarice Lispector. Rio de Janeiro: Ediouro, 2007. Clássicos adaptados.

MACHADO, Ana Maria. *Como e porque ler os clássicos universais desde cedo*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002.

RIBEIRO, Francisco Aurélio. *A literatura infanto-juvenil de Clarice Lispector*. Vitória: Nema, 1993. 138 p.

RÓNAI, Paulo. *A tradução vivida*. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981. 210 p.

VENUTI, Lawrence. *Escândalos da Tradução: por uma ética da diferença*. Tradução Laureano Pelegrin et al. Revisão técnica: Stella Tagnin. Bauru, SP: EDUSC, 2002. 396p.

WILDE, Oscar. *The Picture of Dorian Gray*. London: Wordsworth Edition, 2001.

_____. *O retrato de Dorian Gray*. Tradução e adaptação Clarice Lispector. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006. Clássicos adaptados.